

# Carne de Sol: uma análise discursiva da narrativa curta de Álvaro Maia

José Ribamar Mitozo\*



## RESUMO

*Este ensaio livre, escrito como exercício acadêmico, é uma tentativa de análise de um conto através do instrumental teórico fornecido pela chamada teoria da análise do discurso. Seu objeto é um conto do escritor amazonense Álvaro Maia e seu objetivo é mostrar a influência da posição social do autor empírico na construção da voz narradora e da estrutura narrativa.*

Palavras-chave: *Análise do discurso, Análise do discurso literário, Conto, Literatura regional, Álvaro Maia.*

## ABSTRACT

*This essay, written as a graduate course paper, is an attempt to analyze a short story from a Discourse Analysis theoretical perspective. The object of study is a short story by the Amazonian writer Alvaro Maia, the objective being to show the influence of the empirical author's social position in the construction of the narrating voice and narrative structure.*

Key words: *Discourse Analysis, literary discourse analysis, short stories, regional literature, Alvaro Maia.*

## INTRODUÇÃO

Este ensaio acadêmico livre, exigência formal da disciplina *Tópicos Variáveis em Análise do Discurso*, não terá como objetivo uma tentativa de reconstituição das várias teorias lingüísticas estudadas ao longo do curso. Assim, não será seu objeto nem a lingüística, baseada no objetivismo abstrato do estruturalismo de F. de Saussure, nem a lingüística enunciativa monológica de Benveniste, fundamentada nos pressupostos filosóficos do subjetivismo idealista. Aliás, seja como um sistema com leis próprias e fechado em si mesmo, seja como produto da subjetividade do sujeito enunciator, a língua não será, propriamente, a preocupação central deste trabalho.

Também não será objetivo deste trabalho descrever a lingüística enunciativa dialógica, fundamentada no materialismo dialético e contida na teoria dos atos de fala, de M. Bakhtin.

A preocupação deste texto, portanto, não estará centrada em intenções conceituais, da lingüística teórica, mas, sobretudo, em intenções analíticas, próprias da lingüística aplicada.

Deste modo, o objetivo deste ensaio será aplicar categorias e conceitos da lingüística enunciativa, notadamente da teoria dos atos de fala, de M. Bakhtin, ao estudo de texto literário. Sua proposta, portanto, será fazer uma aproximação da teoria dos atos de fala

\*Aluno do Mestrado em Letras da Universidade do Amazonas.





com a teoria literária, dentro da mesma perspectiva que inspirou Bakhtin a escrever sobre a obra de Rabelais e Dostoiévski.

Por um outro lado, no que diz respeito à análise literária, esta abordagem será feita sobre a obra do escritor e político amazonense Álvaro Maia. Não será uma abordagem completa, que envolva todo o contexto da sociedade e da vida do autor, nem tampouco que englobe toda a sua obra (romances, ensaios, contos, poesia, crônicas) em todos os seus aspectos. Esta análise se limitará a uma interpretação de sua produção contística e, ainda assim, não de todos os livros de contos, mas apenas do livro *Banco de Canoa* e, menos ainda, somente sobre um de seus contos.

Acredito, no entanto, que a atomização da análise não prejudicará seu resultado final. Primeiro, porque o objetivo deste ensaio não é analisar o conjunto da obra para dissecá-lo na sua totalidade e definitivamente. Isto, aliás, é uma ilusão e não pode ser feito por apenas uma pessoa. Segundo, porque este ensaio limitar-se-á à sua condição de simples exercício acadêmico, sem pretensões outras. E, finalmente, porque o conto “Carne de Sol”, no conjunto da obra contística de Álvaro Maia, representa uma espécie bem definida de síntese estética e política. Neste conto, muito possivelmente, está um de seus melhores escritos no gênero e, ainda por cima, explícita com nitidez a concepção ideológica que permeia quase a totalidade de sua obra.

Neste sentido, este ensaio tentará analisar o conto “Carne de Sol”, de Álvaro Maia, na perspectiva da teoria dos atos de fala, de M. Bakhtin, utilizando os conceitos de interação verbal, expressão, dialogismo, narrador-ouvinte, conteúdo-forma, tema e significação.

## A TEORIA DOS ATOS DE FALA

À página 124 do seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, M. Bakhtin propõe uma ordem metodológica para o estudo da língua e de todas as formas de comunicação verbal. Para ele, a ordem em que se desenvolve a evolução real da língua e das formas de interação verbal é a seguinte: 1) As relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas); 2) Depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais; 3) as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal e 4) o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.

Para Bakhtin, qualquer que seja o processo de comunicação-expressão-enunciação considerado, ele será sempre determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata.

A enunciação, para Bakhtin, é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra, para ele, dirige-se a um interlocutor. Não pode haver um interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor. Na maior parte dos casos, é preciso supor além do interlocutor individual e perceber um certo horizonte social definido e estabelecido que determina todo tipo de criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito.

Segundo Bakhtin, o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um auditório

social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. Na realidade, para ele, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.

Dentro desta perspectiva dialógica da interação verbal, contudo, o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas da interação verbal, embora das mais importantes. Para Bakhtin, porém, pode-se compreender a palavra diálogo num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Bakhtin cita o exemplo do livro. Define-o como o ato de fala impresso, que constitui igualmente um elemento da comunicação verbal e, neste ponto, abre o contato entre a teoria comunicativa e a teoria literária. Para ele, o livro é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre ori-

entado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. Para Bakhtin, portanto, qualquer enunciação, inclusive a literária, por mais completa e significativa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta.

Segundo ainda Bakhtin, a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação, seja ela qual for, incluindo aí a literária. Antes de mais nada, a enunciação é determinada de maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala (locutor e ouvinte), explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação da forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos de sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. O contexto social imediato determina quais serão os ouvintes possíveis, amigos ou inimigos, para os quais será orientada a enunciação. Bakhtin pergunta: As imprecações serão lançadas contra a natureza ingrata, contra si mesmo, a sociedade, um grupo social determinado ou um indivíduo? Em consequência, segundo ele, todo o itinerário que leva da atividade mental (o conteúdo a exprimir) a sua objetivação externa (a enunciação) situa-se completamente em território social.





Dentro desta perspectiva dialética, o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve tanto o locutor (narrador) como o ouvinte (leitor). Esta perspectiva coloca a obra (narrador, personagens, enredo, tema e leitor) numa situação social determinada. As dimensões e a forma desta obra são, assim, determinadas pela situação da enunciação e seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se de um determinado modo, ainda que a determinação da superestrutura pela infra-estrutura não ocorra nos moldes da causalidade mecanicista, passiva, mas segundo a causalidade dialética, que leva em consideração as formas e as regras particulares pelas quais cada meio de expressão reflete e refrata a realidade a seu modo, apesar de todos decorrerem de um único estímulo determinado.

Toda enunciação possui um tema. O sentido completo da enunciação é este tema. Ele é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Segundo Bakhtin, se perdermos de vista os elementos da situação histórica, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras importantes. Para ele, então, o tema seria um sistema de signos dinâmicos e complexos adaptado às condições de um dado momento histórico. Ao contrário, a significação seria um aparato técnico para a realização do tema.

Deste modo, e dentro desta perspectiva teórica elaborada por M. Bakhtin, a teoria dos atos de fala se aproxima da teoria literária. Nossa intenção, conforme declaramos no início, é utilizar este modelo e seus conceitos

básicos (interação verbal, enunciação dialógica, locutor, ouvinte, tema, significação, heterogeneidade discursiva, polifonia e marcas de pessoa) para analisar um conto de Álvaro Maia, procurando determinar seu significado estético, estilístico e ideológico.

## O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL E O AUTOR EMPÍRICO

Álvaro Botelho Maia nasceu no seringal Goiabal, município de Humaitá (Amazonas), em 1893 e morreu em Manaus, em 1969. Filho de seringalistas, espécie de latifundiários do ciclo monocultor da borracha amazônica, ele, além de seringalista, foi escritor, professor e político, tendo exercido o poder várias vezes. Formou-se em Direito no Rio de Janeiro. Foi interventor no Amazonas. Em eleição indireta, foi indicado governador constitucional do Estado em 1935. Com o golpe político do Estado Novo, em 10 de dezembro de 1937, tornou-se interventor federal, governando até a queda de Getúlio Vargas em outubro de 1945. No mesmo ano, venceu as eleições para o senado. Quando Getúlio Vargas reconquistou a presidência, Álvaro Maia, em eleições diretas, voltou ao governo do Amazonas (1951-1955). Antes do fim do seu mandato, desincompatibilizou-se e concorreu a uma vaga no senado. Foi derrotado. Perdeu duas outras eleições (1958 e 1962). Na quarta candidatura tornou-se Senador e nessa condição morreu em maio de 1969.

Esta biografia faz de Álvaro Maia o personagem político mais representativo do Amazonas no século XX. Ele foi a expressão política mais explícita do sistema econômico hegemônico no Amazonas entre 1890 e 1970. Sua trajetória, alternando momentos de representatividade democrática e momentos de poder autoritário, na verdade teve um eixo de interesses econômicos defendidos indepen-

dente do meio ou da situação política. Sempre foi o porta-voz do extrativismo monocultor da borracha, uma espécie de sub-sistema econômico agrícola atado ao modo capitalista de produção por uma ou outra maneira, dependendo da época e dos interesses externos.

Sem cair na tentação da causalidade mecanicista, que articula interesses econômicos e forma literária de modo passivo, sem o cuidado de considerar a especificidade de cada instância ideológica, suas regras e leis próprias, mesmo assim não é tão complicado perceber as implicações literárias do posicionamento político e ideológico de Álvaro Maia. Isto será tratado posteriormente.

## OBRAS

Entre 1943 e 1968, Álvaro Maia escreveu três livros de narrativas, um romance, um livro de poesia, um de crônicas, um de opiniões políticas e um de reflexões religiosas.

## OS CONTOS

Álvaro Maia viveu e escreveu seus livros durante os sessenta primeiros anos do século XX. Durante este período, não apenas presenciou duas guerras mundiais, várias revoltas e contra-revoltas populares no Brasil, como foi um dos principais articuladores políticos do modelo extrativista monocultor da borracha no Amazonas, espécie de sub-sistema econômico fornecedor de matéria-prima ao capitalismo monopolista e multinacional.

Muito embora tenha dado ao seu romance (*Beiradão*) e a seus livros de histórias curtas um tom de denúncia contra a violência e o autoritarismo que permeavam as relações econômico-sociais do extrativismo, tornando problemática uma análise que procurasse articular posição social do falante – ideologia

– estética literária, na verdade, para uma visão atenta e não mecanicista, a posição de classe de Álvaro Maia está na superfície de suas técnicas narrativas.

No livro de contos *Banco de Canoas*, onde mistura contos muito bem estruturados com simples relatos, crônicas e causos populares, Álvaro Maia escreveu um conto (“Carne de Sol”) no qual, da voz narradora ao perfil psicossocial dos personagens, sua posição classista vai se transformando em expressão literária.

Este conto, fiel ao contexto histórico no qual foi elaborado, traz já no tema e no próprio enredo a marca do seu tempo. O tema é exatamente as relações econômico-sociais do extrativismo, enquanto o enredo organiza um conflito no qual estão envolvidos seringueiros (trabalhadores rurais do dito sistema) e capatazes (gerentes das unidades produtivas – os seringais).

Álvaro Maia organiza o enredo em torno do conflito gerado pelas atitudes autoritárias e violentas do capataz Bezerrão contra os seringueiros. Na evolução do conflito, a trama vai se articulando em torno das maldades praticadas por Bezerrão contra os trabalhadores rurais. Conta o narrador: “Bezerrão, de força hercúlea, deixou fama: brincalhão, feroz, arremessava jerimuns, peles de borracha nas pernas dos companheiros. Se reagissem, recebiam um desafio para brigar. (...) Aviado em colocações longínquas, liquidava sumariamente os enfermos, que importassem em peso morto na economia do lugar, a mão de pilão, para não gastar balas. Seringueiros nordestinos reclamaram contra o charque rançoso e o feijão bichado. Atacou-os a tiros, peiando-os no depósito de borracha, sem água e alimentação. Imploravam comida. Sentaram-se no chão e foram trazidas panelas de bóia. A carne





era de impaludados falecidos, seca ao sol, em mantas salgadas e nauseabundas”.

Certo dia, porém, Bezerrão descuidou-se, foi golpeado e semi-enterrado vivo, ficando apenas a cabeça de fora que, aos poucos, foi sendo devorada pelas saúvas. Mesmo assim Bezerrão demorou a morrer e ainda hoje, dizem, sua alma vaga pelo lugar, assustando as pessoas mais ingênuas. “Bezerrão descuidou-se um dia: levou uma cacetada e foi semi-enterrado vivo, cabeça fora do buraco, furada pelas saúbas. – Que bicho duro! Assim mesmo, custou ir pro inferno. A sua alma anda por aqui. Benzeu-se o pessoal. A alma de Bezerrão também metia medo”.

Este é o enredo, com seu respectivo epílogo. O interessante é que já na voz narradora se observa um posicionamento ideológico. Narrado em terceira pessoa, o conto traz um narrador presente na condição de observador passivo, não participante do conflito e não identificado com nenhum dos personagens em questão. Aparentemente, o narrador não é nem trabalhador rural (seringueiro), nem capataz, não deixando claro se é um pescador, um comerciante, um padre, um jurista ou mesmo um seringalista (latifundiário dono do seringal).

Ao longo do texto, é possível perceber uma certa heterogeneidade discursiva, quando o narrador, através do discurso direto e do discurso indireto, deixa outras vozes se manifestarem, embora sempre dentro da legitimação de sua perspectiva ideológica; isto é, sempre na direção de reduzir a violência do capataz a uma questão de índole pessoal, individual, não deixando em nenhum momento transparecer a natureza socialmente violenta do modelo monocultor, baseado em relações servis e na ausência de direitos de cidadania.

Já no início do conto, o narrador, através do discurso direto, dá voz a Bezerrão:

– Sou homem de ovos roxos, de escangalho. Matei, mas não tenho o pecado de mandar matar ninguém. E mato de novo, sendo necessário(...)

Neste ponto, percebe-se uma certa ironia do capataz contra aqueles que não matam, mas mandam matar ou, quem sabe, autorizam ou fazem vistas grossas à matança. Em um outro momento, o narrador deixa Bezerrão revelar seu ódio contra os trabalhadores, ódio muito pior do que aquele revelado na ironia contra os seringalistas que mandam matar.

– Vão comer carne de sol, seus diabos! (Bezerrão refere-se à carne de outros trabalhadores falecidos). Comam, seus diabos! Ou comem ou morrem!

Em um outro momento, o narrador, também através do discurso direto, dá voz a um dos trabalhadores envolvidos com a revolta que resultou na morte de Bezerrão:

– Que bicho duro! Assim mesmo (semi-enterrado vivo), custou a ir pro inferno. A sua alma anda por aqui.

Neste trecho, o narrador deixa o seringueiro revelar seus valores, mostrando que acredita em alma e inferno. Fica claro que os seringueiros possuem uma cosmovisão cristã-católica do mundo. Para o seringueiro, o lugar de pessoas maldosas falecidas é no purgatório. E que, isto fica implícito, a revolta que culminou no linchamento do capataz não foi contra o modelo monocultor, nem contra os seringalistas, mas contra um indivíduo de índole má.

Importante perceber que não é apenas no fato de narrar em terceira pessoa que torna o

narrador distante do problema. O fato de não utilizar o discurso indireto livre, onde a voz do personagem é introduzida na voz do narrador, revela também uma certa tendência em se manter distante dos personagens envolvidos no conflito.

De qualquer modo, ainda que narrado em terceira pessoa por um narrador observador passivo e não identificado do ponto de vista do grupo social, o conto atende algumas exigências próprias desta forma de gênero narrativo. Ele possui unidade de ação-tempo-espaco-personagens. Os personagens, embora caricaturados de bons e maus, são tipos, isto é, estão inseridos naquilo que G. Lúcsaks chama de personagens representativos de conjunturas econômico-sociais. A ação desenvolve-se em um curto espaço de tempo (tempo linear) e no mesmo espaço sociocultural. Isto tudo situa a narrativa na categoria de conto literário.

Por um outro lado, apesar destas características que lhe garantem dignidade literária, Álvaro Maia se acha preso à estrutura do chamado conto clássico, inaugurado por Maupassant, com início, meio e fim. Ele primeiro situa a história (início) para depois apresentar o conflito (meio) e concluir com o desfecho. Ao contrário deste modelo, Tchecov criou um conto que, rompendo com esta lógica aristotélica de narrar, inicia a narrativa dentro da ação, sem prepará-la com uma introdução, com um início. Além disto, no conto tcheco-viano, o epílogo não vem depois do desfecho. Ele é o desfecho.

### O ESTILO DE ÁLVARO MAIA

Ao contrário do que supõem alguns, quando afirmam que Álvaro Maia ignorou as conquistas sintáticas do Modernismo, ele, ao contrário, como professor de língua portu-  


sa, foi um excepcional usuário da frase modernista.

Abdicando da frase romântica, preferencialmente subordinada e ornamentada, Álvaro Maia utilizava frases tipicamente modernistas, privilegiando a coordenação e a simplicidade.

Assim, um dos pontos fortes de sua narrativa é exatamente este. Álvaro Maia, embora recorrendo a um modelo tradicional de narrativa curta, no aspecto estilístico era um mestre modernista. Combinou forma conservadora de narrar com estilo progressista de escrever.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos objetivos definidos no início deste trabalho, podemos organizar algumas conclusões provisórias tanto do ponto de vista da teoria dos atos de fala, quanto da sua aplicação prática na análise literária.

1. A teoria dos atos de fala, de M. Bakhtin, aproximou a lingüística enunciativa dialógica das teorias literárias;
2. As categorias de enunciação dialógica, discurso, tema, significação, narrador, ouvinte, heterogeneidade discursiva, polifonia e marcas de pessoas constituem os elementos operatórios centrais da teoria dos atos de fala e são de extraordinária validade para os estudos literários;
3. As categorias analíticas da teoria dos atos de fala permitem articular, sem o dogmatismo da causalidade mecanicista, a relação entre estrutura social e estrutura literária;
4. A obra contística de Álvaro Maia, analisada a partir da teoria dos atos de fala, revela com muita nitidez a relação entre posição social do falante, ideologia e estética literária;



5. Além do aspecto narrativo, a teoria dos atos de fala permite ao analista perceber o uso estilístico da língua pelo autor empírico, que,

no caso de Álvaro Maia, é feito dentro dos padrões modernista da língua.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed., São Paulo: Hucitec, 1997.

CORTÁZAR, Júlio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, s/d.

HOHLFELDT, Antonio. *Conto Brasileiro Contemporâneo*. São Paulo: Mercado Aberto, 1981.

MAIA, Álvaro. *Banco de Canoa*. 2ª ed., Manaus: Universidade do Amazonas, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. (Quatro prefácios).

